

# A construção do jornalismo feminista em perspectiva

GUSTAFSON, Jessica. **Jornalistas e feministas: a construção da perspectiva de gênero no jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019. (Série Jornalismo a rigor. v. 14)

Um jornalismo feminista é possível e urgente. Mas trago um aviso: não se trata de um jornalismo tendencioso. Essa desconfiança com a ação de assumir posições é fruto dos fundamentos que definem o jornalismo e limitam a expressão teórica e prática de outros jornalismo. O silenciamento de mulheres é um peso histórico carregado por negras, indígenas, brancas, lésbicas, bissexuais, transsexuais e tantas outras. Esse apagamento faz parte de uma construção de mundo que toma o discurso jornalístico como recurso para a validação dos seus valores e normas. Precisamos assumir que exigir novas práticas distantes de discursos que respaldam desigualdades sociais. Isso implica também em novas ideias, mas sem jogar para debaixo do tapete velhas questões.

O esforço realizado no livro *Jornalistas e feministas: a construção da perspectiva de gênero no jornalismo*, resultado da dissertação de Jessica Gustafson no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, responde a essa necessidade de olhar para o novo, encarando os conflitos entre os problemas persistentes e os que surgem com as mudanças. Por essa lente, Jessica Gustafson tensiona a objetividade jornalística, debate assíduo em nosso campo, para compreender as implicações do feminismo na prática do jornalismo, com foco na rotina de jornalistas do *Portal Catarinas*, autodeclarado como um portal de jornalismo com perspectiva de gênero. Como jornalistas profissionais acionam a objetividade jornalística ao se proporem a produzir jornalismo com perspectiva de gênero? O lugar de jornalista e feminista faz com que a objetividade seja questionada? Como e em que medida o jornalismo feminista rompe com a lógica masculinista do jornalismo hegemônico? Essas são algumas das perguntas mobilizadas na obra.

Como indica Jessica Gustafson, o fato é que um dos alicerces para sustentar a noção de que o jornalismo não pode assumir um lado reside nos porões do positivismo, onde entre o sujeito e o objeto ergue-se uma muralha. Ou seja, o jornalista que vai apurar e constituir a notícia tem que ser imparcial e neutro ao acionar a objetividade para, de fato, fazer jornalismo. Existem algumas questões subjacentes a essa lógica e que estão presentes no livro. Quais são as vozes de pessoas e instituições que se revelam a partir do discurso desse jornalismo? Qual é o posicionamento do jornalismo neutro, imparcial e objetivo? Ironicamente, a defesa desses fundamentos é também assumir um lugar que não é tão objetivo, neutro e imparcial quanto se sugere.

No livro, Jessica Gustafson reconhece o jornalismo objetivo como aquele que “reproduz o senso comum e os valores hegemônicos que circulam na sociedade,

**Gabriela Cavalcanti  
Carneiro de Almeida**

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista CAPES.

E-mail: gabialmeida@gmail.com

romantizando a prática jornalística e enaltecendo estas características nos discursos editoriais, comentários e demais produtos jornalísticos” (GUSTAFSON, 2019, p. 24) e que tentativas de romper com essas questões recaem no jornalismo tendencioso. A denúncia maior de Gustafson é a marcação de gênero que atravessa a noção de objetividade do jornalismo e, ao endossar as conclusões de Marcia Veiga (2014), indica-o como masculino. A pesquisadora também trabalha a parte da premissa de que no jornalismo as questões de gênero não se limitam às reportagens comportamentais específicas. Estão presentes também “quando aborda a política, a economia e a saúde, até quando escolhe quais repórteres serão designados para cada pauta e as fontes ouvidas porque, para lembrar, Joan Scott, gênero é a forma primeira de significar as relações de poder” (GUSTAFSON, 2019, p. 80). Ou seja, ao tratar de sujeitos generificados, diz a autora, o jornalismo fala sobre gênero e sexualidade o tempo todo.

A partir do estudo de caso, apoiado nas técnicas da observação participante da rotina produtiva do *Portal Catarinas* e da entrevista em profundidade com as jornalistas do veículo, Gustafson não se propõe a negar a objetividade, mas a analisá-la pela lente do feminismo. Para tanto, ela se apoia na teoria Queer e no feminismo descolonial. Além disso, mobiliza a crítica feminista à ciência para tratar da objetividade e sua generificação. O conceito central para essa abordagem é o de objetividade corporificada, da bióloga estadunidense Donna Haraway (1995), que dialoga com as noções de corpo e linguagem para propor uma leitura feminista da produção de conhecimento pela ciência.

No debate específico do jornalismo, Jéssica Gustafson trabalhou com seis categorias analíticas que guiaram sua conclusão. Assim, ela indica que existe uma indefinição do que significa um jornalismo feminista ou com perspectiva de gênero, que ora aparece como um jornalismo especializado, ora como uma visão transversal ao jornalismo. O que dialoga com as afirmações de Sandra Harding (1993) sobre a instabilidade das categorias de gênero, expondo não uma fragilidade, mas a sua constante transformação. Além disso, ao investigar a autonomia jornalística no veículo feminista, tentando observar a existência de amarras das práticas das profissionais ao movimento, Gustafson declara que “as jornalistas atuam na defesa do enquadramento próprio, definido a partir de preceitos éticos e práticos da profissão e valorizados por elas, não sendo necessariamente o mesmo definindo pelo movimento social” (GUSTAFSON, 2019, p. 250).

Sobre as fontes e as jornalistas feministas, Gustafson traz duas observações importantes. Primeiro, percebe que a tentativa de valorizar as mulheres como fonte propicia uma diversidade de vozes, destacando o fato de que as pautas ali tratadas afetam de diferentes formas mulheres distintas. Também reconhece uma relação de cuidado diferente com as fontes, que segundo ela é uma marca da imbricação entre o jornalismo e práticas do ativismo, nesse caso a feminista.

Outra característica relevante desse jornalismo feminista é a horizontalização do trabalho e descentralização das práticas a partir da construção coletiva de pautas. O que vai além de uma alternativa necessária para superar as dificuldades de estrutura do grupo e “demonstra uma subversão de valores no que se refere às atitudes masculinistas na produção do conhecimento jornalístico” (GUSTAFSON, 2019, p. 251). A pesquisadora conclui que existe tanto uma ruptura como a manutenção de práticas cristalizadas no campo na prática dessas jornalistas. Assim, “a objetividade continua pairando sobre todas as decisões, mas não habita um lugar confortável, estando sob constante tensão” (GUSTAFSON, 2019, p. 255).

Por fim, é importante indicar que a autora localiza sua pesquisa como qualitativa e inserida no arcabouço dos estudos de *newsmaking*. Tomo a liberdade de acrescentar: é também parte de um giro nos estudos feministas e de gênero em nosso campo. Se, no passado tínhamos denúncias do silenciamento de mulheres a partir de estudos de suas representações, trabalhos como o de Jéssica Gustafson e

Márcia Veiga (2014) amplificam o debate na construção de um projeto crítico feminista no jornalismo, colocando conceitos e noções basilares do campo em questão.

## Referências

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista Estudos Feministas**, p. 7-31, 1993.

VEIGA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias**. Série jornalismo a rigor. v. 8. Florianópolis: Insular, 2014.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Dizeres e fazeres feministas: a tematização dos direitos reprodutivos no movimento feminista brasileiro a partir da produção midiática alternativa**. 2010. 490f. Tese (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.